

OPINATIVOS E DE REVISÃO**O HOMEM CANSADO: UMA BREVE LEITURA DAS MASCULINIDADES HEGEMÔNICAS E A DECADÊNCIA PATRIARCAL***Breno Rosostolato¹*THE TIRED MAN: A BRIEF READING OF HEGEMONIC MASCULINITIES AND PATRIARCHAL
DECADENCEEL HOMBRE CANSADO: UNA BREVE LECTURA DE LAS MASCULINIDADES
HEGEMÓNICAS Y LA DECADENCIA PATRIARCAL

Resumo: É inegável a importância dos movimentos emancipatórios e de autonomia dos sujeitos. Proporcionando debates, reflexões e estabelecendo espaços de diálogo para fertilizar temas emergentes e considerados tabus. São sistemas essencialistas, falas que ecoam violências, culturas de abusos e negação de direitos, estes movimentos identitários legitimam aqueles que sofrem por causa de políticas silenciadoras e invisibilidade. Esse é o cenário propício para refletirmos sobre as masculinidades que estabelecem segregações dessas identidades, pautadas em privilégios e generificações de corpos, desejos e subjetividades, mas também, enquanto políticas de poder. Olhar para as masculinidades é olhar para as masculinidades tóxicas e as relações de dominação. Masculinidades alexitimicas. Constatar que não são imóveis e intocáveis, mas revelam pluralidades e estão em plena transformação. Eis o homem angustiado e cansado que, marcado pelo totalitarismo patriarcal, não mais o sustenta e que, uma vez se reconhecendo neste contexto de exploração, arbitrariedades e violências, não admite mais estas condições. É diante de rupturas de fronteiras, entre o patriarcalismo colonial, masculinidades emancipatórias e interseccionalidades com as feminilidades que localizamos novas perspectivas de ser-homem e a crítica a uma masculinidade sem hegemonias, compreendendo que outras identidades e protagonismos devem ser respeitados.

Palavras-chave: Homem. Masculinidades. Alexitimia. Patriarcado. Gênero. Privilégios.

Abstract: It is undeniable the importance of the emancipatory and self-sufficiency movements, including, the feminisms. Fostering debates, reflections and establishing dialogue space to nourish emerging themes which are considered taboo, oppressed and neglected, either by essentialist systems or by speeches which echo violence in order to bring down others, abuse cultures, basic human rights negation, these identity movements legitimate those who suffer with repressive policies and invisibility. This is the perfect scenario for us to reflect about the masculinities which establish segregation of these identities, leaning on privileges and body gender labeling, desires and subjectivities, but also, as power politics. Looking over masculinities is looking at the toxic masculinities and relations of domination. Alexithymic masculinities. Acknowledging they are not stagnant and untouchable, but reveal pluralities and are in utmost transformation. There's the man, tired and distressed, scarred by patriarchal totalitarianism and not supported by it anymore, recognizing himself in this exploration context, arbitrariness and violences, no longer acknowledges these conditions. It is facing the barrier breakings, among colonial patriarchalism, emancipatory masculinities and intersectionalities within womanhood that we find new perspectives on being a man and the criticism on a masculinity detached from hegemonies, learning that other identities and protagonisms must be respected.

Keywords: Man. Masculinities. Alexithymia. Patriarchate. Gender. Privileges.

¹ Pós-graduado em Educação Sexual pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo UNISAL), Hipnose Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Arteterapia pela Universidade São Judas Tadeu e Psicologia também pela Universidade São Judas Tadeu. Integrante do Grupo de Pesquisa em Sexualidade Humana da Unisal, cadastrado no diretório do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Professor das disciplinas de psicologia, antropologia e sociologia da Faculdade Santa Marcelina. Cofundador do grupo de imersão de casais - LovePLan. Articulista em jornais, revistas e sites sobre temas voltados à sexualidade, diversidade sexual e violência de gênero. E-mail: brenorosostolato@gmail.com.

Resumen: Es innegable la importancia de los movimientos emancipatorios y autonomía de las personas. Proporcionando debates, reflexiones y estableciendo espacios de diálogo para dar a conocer temas emergentes y considerados tabúes. Son sistemas esenciales, palabras que asemejan violencia, cultura de abusos y negación de derechos de las personas. Estos movimientos de identidad legitiman a aquellos que sufren por falta de políticas silenciosas e invisibles. Este es el escenario propicio para reflexionar sobre la masculinidad que establecen segregaciones de dichas identidades, pautadas en privilegios y generaciones de cuerpos, deseos y subjetividades, pero también, como políticas de poder. La mirada hacia la interior de la masculinidad, es mirarse así mismo rasgos tóxicos, y generalmente relaciones de dominación hacia el resto, asimismo rasgos alexitimico del ser, comprobar que no son inmóviles e intocables, pero revelan pluralidades en sus rasgos y sentimientos que están en plena transformación. El hombre angustiado y marcado por el poder patriarcal ya no lo sostiene y que, una vez reconociendo en este contexto de explotación, arbitrariedades y viole vías, no tolera ni admite más estas condiciones. Es frente a rupturas de fronteras, entre el patriarcado colonial, masculinidades emancipadoras y extramaritales, es donde se localiza la ñersepectaba de ser hombre y la crítica a una masculinidad sin hegemonías, comprendiendo que otras identidades y protagonismos deben ser respetados.

Palabras claves: Hombre. Masculinidades. Alexitimia. Patriarcado. Género. Privilegios.

Introdução

As reflexões sobre masculinidade e suas construções partem de alguns aspectos importantes, a relação de poder estabelecida na sociedade e que abarca a discussão conflitante e violenta entre identidades, expressões e papéis sociais.

A hegemonia masculinista² designada pelo patriarcado manifesta-se, não somente, mas principalmente, através da ideia de corporificação social (*Social Embodiment*),³ que implica práticas sociais de dominação ou mais especificamente, uma “[...] estrutura de práticas reflexivas do corpo” (CONNELL, 2016, p. 17), marcadas e posicionadas na história. Segundo Foucault (2015, p. 31), trata-se de um:

[...] conjunto dos elementos materiais e das técnicas que servem de armas, de reforço, de vias de comunicação e de pontos de apoio para as relações de poder e de saber que investem os corpos humanos e os submetem fazendo deles objetos de saber.

A reflexão sobre masculinidades ainda pressupõe o debate sobre a construção essencialista das categorias de sexo, tal qual as hierarquizações generificadas⁴ e, por fim, a violência voltada ao próprio homem, violentado e violado em sua identidade pelo próprio machismo.

Daí a imagem do homem cansado de ser homem. Um homem que não precisa e não quer ser macho. Não me refiro ao conceito biológico de macho, mas a construção generificada de como ser lido este homem, com regras e normas específicas impostas a ele.

Masculinidades e feminilidades fazem parte das discussões de gênero, portanto, deve-se atentar às posições identitárias atribuídas às mulheres e aos homens num olhar sócio-histórico-cultural. Identitárias no sentido de que a masculinidade deveria assumir características específicas que se diferenciasses do feminino, o que analogamente, seria a iniciação masculina (BORIS, 2003). Identidades que se baseiam em ser viril, forte, não demonstrar fraqueza, provedor, controlador, viril e heterossexual.

Os estudos sobre homens e as concepções do masculino são emergentes e necessárias para a crítica, mudanças e perspectivas sobre como é ser homem, olhando para um lugar ocupado, muito embora, este mesmo lugar seja apropriado diferentemente entre os próprios homens.

Interseccionalidades e releituras

É por meio da interseccionalidade⁵ com os feminismos que as masculinidades tomam como exemplo os

² Considero o termo aqui como um conjunto de leis e normas elaboradas por homens para homens, seja na religião, educação, política, economia, saberes psicológicos e psiquiátricos, entre outros, que visam resguardar e assegurar privilégios sociais e manter os poderes andro/falocêntricos

³ O termo *Embodiment* pode ser traduzido como corporificação social ou corporificação do social

⁴ *Gendered* significa tanto generificado como generificada. Adotarei a explicação de Connell (2016), para a qual a prática da língua, no caso o inglês, consiste em transformar substantivos em adjetivos. No caso, a palavra gênero sofreu uma transformação e indica que uma pessoa, grupos, espaços, objetos, o casamento, alvos deste estudo, sofreram um processo e significações, consequência das dinâmicas de gênero. Assim, generificar, enquanto verbo resultou num desdobramento, isto é, no substantivo, generificação

⁵ Foi a advogada e acadêmica Kimberlé Crenshaw, que nos anos 1980, pela primeira vez utilizou o termo para evidenciar a multidimensionalidade das experiências vividas pelos sujeitos marginalizados.

processos de desconstrução⁶ (DERRIDA, 2001) do que é ser mulher, desde a emancipação às repressões sociais, sujeições e abjeções (KRISTEVA, 1988; MISKOLCI, 2015), autonomia e multiplicidades identitárias, até o reconhecimento da diversidade nas categorias de gênero. Cenário assinalado a seguir:

A teoria da interseccionalidade tem sido a resposta teórica que tem surgido nos últimos anos dentro dos feminismos como resposta a estas questões da diversidade dentro do grupo das mulheres (e também de homens dependendo da perspectiva mais ou menos abrangente que se tenha da interseccionalidade). (NOGUEIRA, 2017, p. 141)

Segundo Piscitelli (2008, p. 266), “a proposta de trabalho com essas categorias é oferecer ferramentas analíticas para apreender a articulação de múltiplas diferenças e desigualdades”. Realizar a leitura da formação do masculino requer a leitura atenta da formação do feminino. Num primeiro momento, relação entre homens e mulheres estabelecida por relações de poder e dominação e num segundo momento, a emancipação feminina como processo de reconfiguração de uma masculinidade que assume sua pluralidade, daí masculinidades, e consequentemente, as desconstruções deste homem.

A teoria da interseccionalidade é fundamental para compreendermos as categorias sociais e que classificam os sujeitos através de hierarquizações e privilégios. Estas categorias não atuam isoladamente, não estão desconexas, mas se articulam e se relacionam.

Pensemos, por exemplo, no homem negro e gay. Visualizemos os marcadores sociais pautados em normatizações que moldam este sujeito. As categorias relacionadas baseiam-se no gênero, na etnicidade/racialidade e na orientação sexual. Desigualdades que são acionadas por estes marcadores e que tornam esse sujeito duas vezes (sexualidade: homossexual e racialidade: negro) inferior se comparado aos demais homens, considerando-se aqueles que são brancos, heterossexuais e de classe alta.

Por estas razões, uma análise interseccional captura diferentes níveis de diferença, revelando, por exemplo, como formas de discriminação e opressão interseccionais criam oportunidades, benefícios sociais e materiais para aqueles/as que gozam de estatutos normativos ou não marginalizados [...] (NOGUEIRA, 2017, p. 150).

No entanto, a categoria homem é, também, passível de vulnerabilidades. Comparada às lutas emancipatórias das mulheres, as masculinidades revelam-se a categoria mais frágil e insegura, pois, não consegue libertar-se dos efêmeros privilégios normativos do patriarcado. Compreender a relação entre opressão e privilégio (NOGUEIRA, 2017) é importante para contextualizarmos a teoria da interseccionalidade. Interseccionalidades que para as masculinidades auxiliam a olhar para as imposições e violências sofridas e assim, se instrumentalizar para combatê-las, tendo como referência as lutas emancipatórias dos feminismos.

A releitura necessária das masculinidades é realizada mediante uma integração com as feminilidades. Assim como as sororidades⁷ devem ser analisadas em cada contexto nas redes entrelaçadas do movimento feminista, as masculinidades devem abarcar as diferentes realidades.

Uma masculinidade ‘heteroaprisionada’

As primeiras reflexões sobre masculinidade foram elaboradas pelas ciências sociais (WELZER-LANG, 2004), tendo como influência uma leitura ‘heterossexualizante’.

Todo um cenário homofóbico constrói à masculinidade, partindo da premissa que, o preconceito se dá através de restrições e ignorância ao próprio corpo do homem, levando-o a um conflito de si mesmo. Para o sociólogo Javier Sáez e o ativista Sejo Carrascosa, no livro *Pelo Cu*, políticas anais partem da premissa que a homofobia nos homens e as restrições masculinas ao próprio corpo localizam-se, também, ou principalmente, ao ânus.⁸ Refletem os autores:

⁶ O termo aqui aplicado é proposital, pois, desconstrução ou como Derrida preferia se referir, ‘desconstruções’, foi um conceito apropriado pelas leituras feministas como forma de questionar e reconceituar as binaridades sociais (homem/mulher, masculino/feminino), no sentido de dissolver estas dualidades e oposições. Para Jacques Derrida (2001, p. 48), a desconstrução é antes de tudo um processo de “inverter a hierarquia” ou “um jogo duplo, fiel e violento de inversão e deslocamento de dentro e de fora” (DUQUE-ESTRADA, 2004, p. 94). Nesse sentido, desconstruir implica a complementariedade da categoria oposta, na qual o eu e o outro são diferentes, contudo, sem se separarem.

⁷ Este conceito significa irmandade entre as mulheres (COSTA, 2004), numa relação de apoio e união. Ter sororidade não coloca as mulheres num único lugar, pois existem divergências de opiniões sobre o que é ser mulher. Concepção de pluralidades que devem ser acolhidas. A sororidade não deve afastar ou silenciar vozes que emergem. Exemplo disso são as mulheres trans que não são reconhecidas por uma ala mais radical do feminismo, muito embora o transfeminismo seja um movimento social real, organizado e bem articulado.

⁸ O câncer de próstata é o segundo mais comum entre homens. Em 2013 vitimou mais de 13 mil, segundo dados do Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA). O exame de toque é fundamental para o diagnóstico de câncer, e permite com que o médico sinta possíveis alterações da glândula. Muitos homens ainda possuem resistência e preconceito com o exame.

Este é um livro sobre o cu, um livro ao redor do cu, um livro escrito de dentro do cu. Mas não é um livro que procura nenhuma verdade sobre o prazer anal. [...] Pelo contrário, trata-se de ver o que o cu coloca em jogo. Ver porque o sexo anal provoca tanto desprezo, tanto medo, tanta fascinação, tanta hipocrisia, tanto desejo, tanto ódio. [...] O cu parece muito democrático, todo o mundo tem um, [mas] nem todo mundo pode fazer o que quer com o seu cu. (SÁEZ; CARRASCOSA, 2016, p. 21)

E os autores concluem:

[...] o cu cumpre um papel primordial na construção contemporânea da sexualidade, na medida em que está carregado de fortes valorizações sobre o que é sobre o que é ser homem e o que é ser mulher, sobre o que é ser um corpo valorizado e um corpo abjeto, um corpo bicha e um corpo hetero, sobre a definição do masculino e do feminino. (SÁEZ; CARRASCOSA, 2016, p. 180)

São estas construções contemporâneas, pautadas no binarismo sexual, que produzem uma heterossexualidade a serviço das hegemonias, numa pedagogia da sexualidade (LOURO, 2000), ou seja, uma heterossexualidade imposta ao nascermos e na qual instrumentos, dispositivos (FOUCAULT, 2015) e discursos atuam na naturalização desta sexualidade. Conceito que defende uma sexualidade inerente ao ser humano e, portanto, dado pela natureza, enfraquecendo os argumentos sobre uma leitura política e social na construção dos seres humanos.

A heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2015), termo que surge em 1980 pela poetisa, ensaísta e professora estadunidense Adrienne Rich,⁹ que consiste na exigência de que todos os sujeitos sejam heterossexuais e se enquadrem a uma heteronormatividade,¹⁰ ou seja,

[...] norma que regula, justifica e legitima a heterossexualidade como uma forma de sexualidade mais natural, mais válida e mais normal em detrimento das outras, vistas como negativas e inferiores. (OLIVEIRA, p. 27, 2017)

Uma norma definidora de identidades, que elabora categorias discursivas e estabelece conceitos, diferenciando no caso, a categoria homem entre hetero e homossexuais, ou seja, distinguindo os “machos” e os “afeminados”. É importante considerar que o homem homofóbico é também misógino, uma vez que, atribui à mulher a condição de inferioridade e considera

o feminino como identidade enfraquecida, lugar da submissão e da subalternidade.

A esta questão específica, a homofobia, somos convidados a outra reflexão e importante ressalva quando a comparamos com o fenômeno da efeminofobia.

Pode-se, pois, definir a relação entre a efeminofobia e a homofobia, grosso modo, como espécie e gênero. Em outras palavras, enquanto o efeminofóbico é aquele que tem aversão específica ao feminino, como se a falta de virilidade ou masculinidade fosse uma determinante essencial para a vida em sociedade, de acordo com os decretos da heteronormatividade cultural, por outro lado, o homofóbico odeia a homossexualidade de forma mais genérica. [...] Assim, de forma clara, o efeminofóbico apenas rejeita os traços e trejeitos femininos nos homossexuais, ao turno que os homofóbicos rejeitam a homossexualidade em sua forma plena (ADAID, 2017, p. 1).

Esta norma reguladora é traduzida pelo que Judith Butler (2015, p. 43) denomina como gêneros inteligíveis, ou seja, “[...] aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm a relação de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo”

Leandro Colling (2015, 2017) faz importantes apontamentos sobre a heterossexualidade compulsória. Problematizar a heteronorma abre o precedente de denunciar a violência relacionada a esta imposição, desnudando e revelando as construções históricas relacionadas, bem como os preconceitos derivados destas normas como a homofobia, lesbofobia, bifobia e transfobia. Essas problematizações possibilitam que as “outras heterossexualidades” afirmem a pluralidade identitária e dão visibilidade à diversidade sexual.

Mais do que retomar as discussões sobre os reguladores e dissidentes de gênero, devemos questionar as práticas discursivas (BUTLER, 2015) que se sustentam na opressão e colocam o sujeito à margem delas. Masculinidades sustentadas no silêncio opressor para assim afirmar uma hegemonia.

Hegemonia que, portanto, apropria-se do poder promovendo o reducionismo do outro e enaltecendo a si próprio. Busca estabelecer poder e domínio. O conceito de masculinidade hegemônica é uma das violências sociais mais intransigentes na constituição do sujeito e das subjetividades, que se baseia numa fantasia egóica falocentrada, determinando o que é diferente, minoria e transgressor, e assim, possui como característica a punição ao que julga abjeto.

⁹ O texto original “Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence” foi escrito para o dossiê Sexualidade, da revista *Signs* e em 1982 a editora Antelope Publications o reimprimiu como parte de uma série de panfletos feministas.

¹⁰ Teóricos como Eve K. Sedgwick, Gayle Rubin, David M. Halperin, Judith Butler e Michael Warner evidenciaram em seus estudos os mecanismos que funcionam para manter a binaridade homo/heterossexual como determinadores e organizadores sociais.

Privilégios hegemônicos

O que se considera como masculinidade hegemônica também não é, tão somente, um conceito único, e aqui é importante esta ressalva, pois está mais para uma arbitrariedade do que para uma unanimidade entre as pessoas que se autodeclararam homens. A ideia de uma masculinidade hegemônica abre um precedente à visibilidade de outras masculinidades, pois, não atinge todos os homens, mas, alguns que desfrutam das normatividades, relações de dominação e divisões sociais.

O termo surgiu no contexto dos estudos de campo sobre desigualdade social nas escolas australianas (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013 apud KESSLER et al., 1982), onde se averiguava a construção das masculinidades, hierarquias de classe e de gênero, através das experiências dos corpos e o papel dos homens em sociedade.

Tais estudos tiveram mais ênfase no final dos anos de 1980 e início dos anos de 1990 e correspondem a “um padrão de práticas (coisas feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245). Distingue-se de outras masculinidades consideradas masculinidades subalternas (CONNELL, 1995).

Subalternidades que causam mudez e silenciamento causados por uma soberania subjetiva (SPIVAK, 2010). Soberania que produz sujeitos de um conhecimento pautado em ideologias e leis enrijecidas, e nos quais, desejo e poder são alicerces para pressupostos heterogêneos.

Ela [masculinidade hegemônica] incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens. Homens que receberam os benefícios do patriarcado sem adotar uma versão forte da dominação masculina podem ser vistos como aqueles que adotaram uma cumplicidade masculina. [...] A hegemonia não significava violência, apesar de poder ser sustentada pela força; significava ascendência alcançada através da cultura, das instituições e da persuasão (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245).

Enquanto norma, a lógica da masculinidade hegemônica baseia-se numa exigência de realização (VÁZQUEZ, 2000, p. 64-65), em que “postula um comportamento que se julga dever ser; isto é, que deve realizar-se, embora na realidade efetiva não se cumpra a norma”. Esse “dever ser” remete à leitura *queer*¹¹ de “devir”, em Preciado (2014).

O filósofo feminista sugere uma reflexão sobre transversalidade, ou seja, a possibilidade de certas experiências e, cuja lógica inclina-se no conceito de desconstrução de Derrida, na qual, o homem procura o que há de masculino na mulher e a mulher procura a parte feminina no homem. Essa hegemonia, portanto, é uma arbitrariedade de pensamentos, comportamentos e condutas, que busca eliminar experiências transversais e determina mentalidades de como devem ser homens e mulheres.

Hegemonia que, na visão de Cecenã (2005), o debate deve abarcar conceitos como dominação, sistema de poder, imperialismo e contra-hegemonias, no sentido de um enfrentamento da realidade do conflito social, e que o pensador marxista Antonio Gramsci estudou enquanto cenários construídos a partir de conflitos ao decorrer do processo histórico, naquilo que tange às divisões e controles sociais em dominantes e dominados, e que se apropria das discussões de violência de gênero.

Uma discussão sobre hegemonias que Gramsci (1991, p. 37) propõe ao refletir sobre a relação de dominação do Estado em relação à população, pautada numa dialética de doutrinação opressiva, na qual “toda relação de hegemonia é necessariamente uma relação pedagógica”.

O autor é enfático ao afirmar sobre a hegemonia:

A supremacia de um grupo se manifesta de dois modos, como ‘domínio’ e como ‘direção intelectual e moral’. Um grupo social domina os grupos adversários, que visa a “liquidar” ou a submeter inclusive com a força armada, e dirige os grupos afins e aliados. Um grupo social pode e, aliás, deve ser dirigente já antes de conquistar o poder governamental (esta é uma das condições fundamentais inclusive para a própria conquista do poder); depois, quando exerce o poder e mesmo se o mantém fortemente nas mãos, torna-se dominante, mas deve continuar a ser também [dirigente] (GRAMSCI, 2002, p. 62-63).

¹¹ Uma das pioneiras dos estudos *queer* é a professora Guacira Lopes Louro. *Queer* é uma teoria que ganhou notoriedade entre os intelectuais, causando uma provocação na academia e que projetou estas provocações na sociedade resignificando o papel e relevância das classes minoritárias diante de forças hegemônicas e repressoras. A professora define o *queer* como “estranho, raro, esquisito. *Queer* é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, *drags*. É o excêntrico que não deseja ser ‘integrado’ e muito menos ‘tolerado’. *Queer* é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do ‘entre lugares’, do indiciável. *Queer* é um corpo estranho que incomoda, perturba, provoca e fascina”. (LOURO, 2015, p. 7-8)

Foucault (2014, p. 67) evidencia esta dialética ao refletir sobre a produção de conhecimentos (saber) e poder, em que, atuam como a correta disciplina ou o bom adestramento (2014), ou seja, o poder disciplinar:

[...] é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior 'adestrar', [...] não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. [...] A disciplina 'fabrica' indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. (FOUCAULT, 2014, p. 167)

Uma masculinidade firmada e legitimada, mas, igualmente ludibriada por um Estado¹² patriarcal, pois, os homens se apropriam de uma representação dada pela ideologia, distorcida e efêmera, mas assumida como verdadeira.

Não são as suas condições reais de existência, seu mundo real que os 'homens' 'se representam' na ideologia, o que é nelas representado é, antes de mais nada, a sua relação com as suas condições reais de existência. É esta relação que está no centro de toda representação ideológica, e portanto imaginária do mundo real. É nesta relação que está a 'causa' que deve dar conta da deformação imaginária da representação ideológica do mundo real. (ALTHUSSER, 1987, p. 87)

A perspectiva apontada por Althusser é a existência de um Aparelho Ideológico de Estado (AIE) no qual se constitui através de instituições e organizações que atuam como peça deste aparelho através de práticas que alimentam um sistema, que *a priori* pode favorecê-lo, e no qual o antagonismo está subordinado a ele.

Esta é a leitura que proponho à masculinidade hegemônica. Uma engrenagem do AIE que atua de maneira ideológica a favor de reproduzir um sistema de opressão e violência de gênero.

Sobre a ideologia, Althusser (1987) acrescenta que "a ideologia" é uma "representação" da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência.

Assim, a masculinidade se fundamenta num paradoxo quase imperceptível. Quase, porque quando percebido, a possibilidade de romper com este adestramento é real e libertadora, do contrário, o "imaginário social invertido" (CHAUÍ, 1999, p. 416-417) aprisiona

e doutrina o homem, que com o tempo, pode demonstrar incompatibilidade com esta ideologia.

Ao mesmo tempo em que cria privilégios, esta masculinidade como apresentada, escraviza os homens em decorrência de um suposto benefício do patriarcado. Imperceptível aos homens, este lugar ocupado o favorece e assegura seu controle, mas, a insistência em manter esta hegemonia desgasta o indivíduo. Retira dele a autonomia e seu movimento emancipatório. Masculinidade hegemônica que se torna percebida quando as performances de gênero (BUTLER, 2015) passam a gerar conflitos na existência deste homem.

A fragmentação, a alteridade colocada pelo *habitus*¹³ (BOURDIEU, 2016, p. 54) é impactante diante de posicionamentos androcêntricos, homofóbicos, transfóbicos, racistas, classistas ou a um corpo sem limitações. O professor Leandro Karnal (2017, p. 98) reflete:

Sentimentos negativos, agressivos, racistas, xenofóbicos, homofóbicos e misóginos nunca estiveram latentes. No momento em que estamos mais expostos à alteridade, esses sentimentos aparecem de maneira mais forte. [...] Exerce essa violência por meio do poder, da comparação cultural e de outras formas de exercício da superioridade.

Ser este homem é ditatorial e arbitrário, exigindo deles posturas e práticas que muitas vezes não querem ter, fazer ou pensar porque não se identificam com esta construção de masculinidade.

Uma masculinidade hegemônica que se distingue das masculinidades subordinadas e coagem os homens a se moldarem a esta hegemonia. Concepção que supõe o que seria a melhor maneira de ser um homem íntegro e austero e a subordinação global da mulher a este homem. Masculinidade que se legitima através da hostilidade, tirania, cerceamento, distorções e funciona no sentido de ocultar e camuflar as singularidades num desrespeito ao lugar de fala do outro.

Homens falam de que lugar?

Para responder esta pergunta precisamos compreender sobre o conceito de "lugar de fala". Esta expressão começou a ser utilizada em um outro contexto diferente da sexualidade, mais precisamente, na área de comunicações. Utilizada como instrumento teórico e metodológico por jornais para permitir e assegurar

¹² Louis Althusser (1999, p. 104) concebe o Estado como detentor e propagador de ideologias naquilo que define como "Aparelho Ideológico de Estado".

¹³ Conforme Bourdieu (2016, p. 54) o *habitus* funcionaria como "matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais históricos que, sendo universalmente partilhados, impõem-se a cada agente como transcendentais". Sendo assim, a primazia da dominação masculina acontece de forma plena e contínua, pois, este *habitus* determina ainda mais as representações androcêntricas na sociedade.

a opinião dos mais diferentes leitores e assim, propiciar um “ambiente explicativo” (AMARAL, 2005, p. 105), e então, entender a dinâmicas dos grupos e comunidades nas quais estas pessoas estavam inseridas.

Esta é a compreensão da ativista Djamilia Ribeiro (2017, p. 58-60) sobre o lugar de fala:

Percebemos, então, a tentativa de analisar discursos diversos a partir das condições de construção do grupo no qual funciona, existiria uma quebra de visão dominante [...]. A teoria do ponto de vista feminista é possível falar de lugar de fala. Ao reivindicar os diferentes pontos de análises e a afirmação de que um dos objetivos do feminismo negro é marcar o lugar de fala de quem as propõem, percebemos que essa marcação se torna necessária para entendermos realidades que foram consideradas implícitas dentro da normatização hegemônica.

Lugar este que possibilita vozes até então sufocadas e silenciadas. Mais do que isso, são condições sociais que permitem o acesso à cidadania. A diversidade de vozes recoloca as relações de igualdade como práticas sociais através do lugar de fala, ao invés de discursos universais e totalitários serem aceitos como únicos.

É neste que localizamos as masculinidades hegemônicas. Grupo hierárquico que desqualifica o lugar de fala de outros grupos

[...] é a localização social comum nas relações hierárquicas de poder que cria grupos e não o resultado de decisões coletivas tomadas por indivíduos desses grupos. (COLLINS, 1997 apud RIBEIRO, 2017, p. 62)

Então, já conseguimos responder a pergunta: qual o lugar de fala dos homens? Podemos responder de duas maneiras.

Uma destas respostas parte do ponto de vista das masculinidades construídas socialmente, na qual o homem possui como lugar de fala, a do opressor. Uma fala que possui privilégios e desfruta de poderes. Que educa crianças, adolescentes, jovens e mantém homens condicionados a uma masculinidade tóxica (SINAY, 2016). Por masculinidade tóxica destaco esta definição

Masculinidade tóxica é uma descrição estreita e repressiva da masculinidade que a designa como definida por violência, sexo, status e agressão, é o ideal cultural da masculinidade, onde a força é tudo, enquanto as emoções são uma fraqueza; sexo e brutalidade são padrões pelos quais os homens são avaliados, enquanto traços supostamente ‘femininos’ – que podem variar de vulnerabilidade emocional a simplesmente não serem hipersexuais – são os meios pelos quais seu status como ‘homem’ pode ser removido. Alguns dos efeitos da masculinidade tóxica estão à supressão de sentimentos, encorajamento da violência, falta de incentivo em procurar ajuda, até coisas ainda mais gra-

ves, como perpetuação e encorajamento de estupro, homofobia, misoginia e racismo’. (CONFORT, 2018).

Por outro lado, para alguns homens, este lugar ocupado é o do sofrimento e da dor, muito em função de uma insatisfação pelo padrão de comportamento que lhes é imposto pela cultura hegemônica. Alguns homens são, portanto, sucumbidos pelo machismo e pelo regime patriarcal que os violentam. Aniquilam-se através do silenciamento do próprio sofrimento, afinal, não demonstram seus sentimentos, uma vez que isto implicaria em expor suas vulnerabilidades.

O suicídio é uma das principais causas de morte de homens em relação a mulheres. Isso porque muitos deles não conseguem falar sobre seus conflitos, por não saberem como falar ou por considerarem que conseguem lidar com pressões e exigências, relutando para buscar ajuda. Para se ter uma ideia, na Inglaterra e no País de Gales, dados do Escritório de Estatísticas Nacionais (NUMBER..., 2015) demonstram que 63% de suicídios de homens em 1981 aumentou para 78% em 2013.

No Brasil, o número de mortes relacionadas com depressão cresceu 705% em 16 anos, dados de 2012, conforme dados do sistema de mortalidade do DATASUS (BRASIL, 2012). Diante destes números, a taxa de mortalidade de homens por suicídio é 3,6 vezes maior que entre mulheres. Entre homens, 79% e entre mulheres 21%. Solteiros, viúvos e divorciados foram os que mais morreram por suicídio (60,4%). Conforme números do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a vulnerabilidade masculina, inclusive, fez com que a expectativa de vida dos homens ficasse sete vezes menor do que a das mulheres, mesmo tendo um pequeno aumento em 2016 (IBGE, 2017).

Este sistema de opressão, não percebida por muitos homens, é assassina e não apenas do ponto de vista do suicídio, o que já seria o suficiente para chamar a atenção e preocupar, mas outros fatores estão presentes ao adoecimento mental dos homens. Agressividade excessiva, por exemplo, é uma característica muito comum às práticas de resoluções de problemas para homens. Vejamos, por exemplo, grupos de torcedores de futebol que brigam até a morte, supostamente, em defesa de seu time. Atitude que em nada tem a ver com o esporte ou com torcida, mas com a necessidade de afirmarem esta masculinidade através da luta, da violência, da agressão, num ato animalístico e territorial.

A violência é ensinada como recurso para estancar ou externalizar a pressão de cobranças e conflitos, em detrimento ao diálogo e do contato com o sentimento, que muitas vezes é negligenciado. Essa dificuldade de entrar em contato com o sentimento é severa, denominada-se alexitimia.

Alexitimia

A alexitimia é uma palavra que vem do grego ('*a*', sem; '*lexis*', palavra e '*thymus*', ânimo ou emoção). Significa sem palavras para as emoções. Conceito introduzido por Peter Emmanuel Sifneos, psiquiatra, que em 1967, envolvido com estudos psicossomáticos, descreve a doença como uma enorme dificuldade de verbalizar e descrever os próprios sentimentos.

Nossa cultura incentiva e apoia a expressão de sentimentos pessoais, como forma de comunicação nos relacionamentos sociais. Mas o receptor e o emissor do sinal comunicacional necessitam dispor das mesmas chaves interpretativas, moldadas pela cultura, pela educação e experiências pessoais, para que emissor e receptor codifiquem e decodifiquem os sinais de forma adequada, realizando a comunicação. Isso significa que um relacionamento entre alexitímico e não alexitímico será uma fonte de conflitos, porque o universo simbólico-emocional de cada um não é compreensível para o outro: eles não possuem a chave interpretativa para decodificar a mensagem um do outro. Desse ponto de vista, a alexitimia é uma falha no desenvolvimento social do indivíduo, que impede a construção de um mundo simbólico a ser socialmente compartilhado. (KIRMAYER, 1987 apud FREIRE, 2010, p. 20-21)

A Associação Americana de Psicologia¹⁴ estima que 80% dos homens sofrem de alexitimia e esta dificuldade, portanto, vem sendo estudada com mais profundidade em relação à educação machista recebida por homens desde a tenra infância e na adolescência. A influência da alexitimia masculina normativa (LEVANT, 1992 apud SILVA et al., 2013) na construção das masculinidades tóxicas, ou seja, privilegia o pensamento concreto e exato ao invés de recorrer à experiência interna.

Esta educação é tão severa que os homens são levados a acreditar que abrir-se e falar de maneira ampla sobre suas dúvidas, anseios e medos os aproximaria de um ser fraco, ou seja, da mulher. Esta educação é misógina, homofóbica e sexista. O silêncio é reforçado como importante característica masculina, e assim deve ser cultivado. É este silenciamento que causa, gradativamente, a alexitimia masculina normativa.

Deve-se combater esta masculinidade tóxica e os homens são protagonistas destas transformações. Existem fatores e medidas que são essenciais para as mudanças, partindo do princípio de que, é urgente combater este silêncio patológico. Veremos a seguir algumas destas atitudes e ressignificações que promovem uma masculinidade mais positiva.

Re-paternalizando

O que resta aos homens diante de sua própria maldição? O que ele pode fazer para não mais cumprir com o acordo perverso entre o patriarcado e as determinações sociais? Qual maneira as masculinidades podem se transformar? E como fazê-lo sem contar com uma posição hegemônica?

Esta e muitas outras perguntas são necessárias para que as masculinidades possam, de fato, ser plurais, diversas, e assim, romper com o essencialismo de gênero, reconstruir seu corpo, seu desejo, sua identidade enquanto homem.

Welzer-Lang (2004, p. 112) nos oferece dois caminhos. O primeiro seria que os homens "[...] parem de pensar em si mesmo como únicos do mundo" e, portanto, aceitem e admitam que as mulheres sejam "componentes do social", assim como eles e não "[...] especificidade do geral, do normal que supostamente só eles representariam". O segundo e, igualmente importante, que os homens "[...] deixem para trás o tradicional hábito masculino de não falar de si".

Inclusive, a cultura machista é causadora dos altos índices de suicídio entre os homens. O *Mapa da Violência* feito pela Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais (Flacso Brasil) e divulgado em 2014, mostrou que 78,1% dos suicídios¹⁵ no país em 2012 foram cometidos por homens. (WASELFISZ, 2014) Isso porque socialmente, a construção e expectativa em torno deste homem é que ele seja forte e austero. Essa imposição distorce a realidade deste homem "ocultando os modos de construção do masculino e as relações reais entre eles". (WELZER-LANG, 2004, p. 112)

Esse efêmero ideal masculino ainda é perseguido pela maioria dos homens. Diante de todas estas exigências e cobranças da sociedade, os homens hoje dão sinais evidentes de cansaço e insatisfação em manter este papel do "machão" ou ser o "homão da porra"¹⁶ que é, entre

¹⁴ <http://www.apa.org/index.aspx>

¹⁵ A propósito, dia 10 de setembro é o dia Mundial de combate ao suicídio.

¹⁶ Uma brincadeira com o ator Rodrigo Hilbert que viralizou nas redes sociais associou o termo às inúmeras atividades desempenhadas pelo ator como cozinhar, fazer trabalhos manuais, tricotar, se vestir como drag Queen, e acrescente a tudo isso, sua beleza, atribuindo assim que, este seria um homem completo.

muitas expressões,¹⁷ mais um equívoco que reforça uma educação machista.

Esta desconstrução da masculinidade se dá também numa reformulação do que é ser pai. Conceito de paternidade que na psicanálise assume pressupostos falocêntricos, uma vez que o falo é o valor simbólico, a lei estipulada através da presença do pai e no desejo pela posse do falo (SAFATLE, 2001).

A identificação com o pai é um ponto fundamental para a discussão sobre masculinidades, no sentido de transmissão de virilidade (CECARELLI, 1998 apud CARIDADE et al., 2005, p. 119), mas a ausência do pai é um conflito

[...] o pai serve de imagem e inspiração para o filho. Sem esse referencial, o homem vai em busca de seu semelhante, para talvez, encontrar sua identidade. [...] A maturidade psicológica do filho só se completa quando ele ocupa o lugar do pai dentro de si. Quer dizer, o homem precisa 'matar' simbolicamente o pai para encontrar sua identidade, mas acaba idealizando-o como a imagem daquele mistério buscado: o masculino.

A discussão em torno da figura paterna é tão importante que o antigo quadro do programa *Fantástico*, na Rede Globo de Televisão, 'Quem é meu pai' mostrava a situação de jovens e adultos que cresceram sem conhecer e que não tinham sido registrados pelos pais biológicos, ocasionando um distanciamento conflitante e doloroso. As pessoas lutavam pelo registro, mas acima disso, o reconhecimento e a aceitação do pai que os abandonou.

A paternidade assume uma proposta de política pública (BRANCO, 2016) no sentido de beneficiar crianças e adolescentes que terão contato com este pai, para a saúde do homem, que se apropria de um protagonismo junto a mãe e não mais um coadjuvante na família e no combate à violências, como aponta o *Relatório sobre a situação da Paternidade no Brasil*.¹⁸

A definição do psicólogo Guy Corneau (1991) é apropriada, quando afirma que o pai é o primeiro outro que a criança encontra fora do ventre da mãe. Este outro que deve ser, portanto, defrontado. Do contrário, a falta conduz a olhar para si.

Se o indivíduo já não se confronta com o outro, defronta-se consigo mesmo. [...] Já não há o Outro como espelho, como superfície refletora. [...] Já não

há negação determinada do sujeito, só há uma indeterminação da posição de sujeito e da posição do outro. Na indeterminação, o sujeito não é mais nem um nem outro, é só o Mesmo (BAUDRILLARD, 1992, p. 129-130).

Essas reconstruções das masculinidades transitam por outros aspectos igualmente importantes como a releitura da própria sexualidade masculina e a relação com as feminilidades, numa reeducação que vise combater o ódio e a violência de gênero.

Educando sem ódio

É preciso romper com a cadeia de ódio (KARNAL, 2017) através do diálogo, debates e reflexões sobre a generificação das relações interpessoais, da intimidade, do desejo, das relações familiares, nas escolas, nas relações profissionais, da vida como um todo. Para isso, a educação deve atuar no sentido de combater e elucidar distorções e equívocos das informações, muitas vezes criadas para confundir e acentuar uma atmosfera de ignorância e ódio.

Uma educação que possui a tarefa de romper com a construção e fluxo do ódio na infância. É importante, para isso, reeducar famílias e propiciar ao ambiente familiar o espaço de acolhimento e abertura ao diálogo. Espaços que devem favorecer o desenvolvimento das crianças sem que fiquem à mercê das generificações.

A escola possui papel fundamental para estas desconstruções, partindo da premissa que, antes de tudo, um espaço de contra-hegemonias (CECENIA, 2005).

[...] repensar o que é educar, como educar e para que educar. Em uma perspectiva não normalizadora, educar seria uma atividade dialógica em que as experiências até hoje invisibilizadas, não reconhecidas ou, mais comumente, violentadas passassem a ser incorporadas no cotidiano escolar, modificando a hierarquia entre quem educa e quem é educado e buscando estabelecer mais simetria entre eles de forma a se passar da educação para um aprendizado relacional e transformador (MISKOLCI, 2015, p. 55).

A reconceituação das masculinidades inicia-se entre as crianças, interrompendo o fluxo de ódio, desinformação e hostilidade, naquilo que Leandro Karnal apresenta através de dois cenários, a coerção e o consenso. O primeiro é a implementação e concretização de

¹⁷ Outro bom exemplo destas expressões cotidianas e que refletem uma distorção patriarcal em relação ao papel do homem na sociedade é o "pai-zão". O pai-zão é aquele homem enaltecido, principalmente no dia dos pais, como o homem que é afetivo, cuidadoso, amoroso e presente na vida do filho. A questão é que este homem não faz nada mais do que sua função como pai e que deveria ser considerada como algo normal e comum, tal qual acontece com a mãe. Muitas vezes ser pai é tido como um favor que este homem presta à família, ou como se ele fosse ajudante da mãe. Não, ser pai é obrigação, responsabilidade e compromisso com a mãe e com a criança.

¹⁸ http://sowf.men-care.org/wp-content/uploads/sites/4/2017/01/relatorio_paternidade_03b_baixa.pdf

leis que visam punir os crimes de ódio como o racismo, a homofobia, violências contra mulheres¹⁹ e crianças²⁰. O segundo polo seria o consenso, no qual atua a educação.

Os adultos devem ter cuidado em como e o que se transmite para as crianças, que vão desde falas, comportamentos, posicionamentos que podem prejudicar uma educação mais saudável. São falas que podem transmitir violências e preconceitos, como por exemplo, “meninos não choram” ou que meninas devem se comportar como “mocinhas”.

São posicionamentos que devem propiciar a ideia de igualdade. Meninos devem ser estimulados a participar e executarem atividades domésticas, sem se sentirem constrangidos por isso. Assim, adquirem a concepção de divisão de tarefas, e que possam no futuro tornar esta uma prática natural.

Nessa naturalização os meninos devem aprender a não se sentirem inferiores às meninas, caso elas sejam melhores do que eles. Homens e mulheres são intelectualmente capazes de realizar qualquer tarefa e no exercício de funções. Não ser sempre o melhor não é demérito e não deve causar vergonha. Os meninos devem ser motivados a aprender com o que os outros oferecem, sejam meninas ou outros meninos.

As brincadeiras e brinquedos não possuem gênero. É importante a prática da igualdade entre meninas e meninos para que esta interação seja plena e sem considerações segregadoras e preconceituosas.

Pais, cuidadores e educadores precisam falar sobre o respeito ao próprio corpo e o do outro, evidenciando que existem limites e que não podemos invadir o espaço, assim como, o corpo do outro. É corriqueiro os pais diminuírem a gravidade de um comportamento violento da criança com a fala “é sem maldade” ou “são só crianças”.

Não sexualizar a criança é outra medida igualmente importante. Os pais não são namorados dos filhos, assim como uma criança não ‘namora’ outra criança. Frases como “esse vai ser pegador/comedor” ou “o terror das meninhas” só reforçam uma masculinidade distorcida e dá ênfase ao machismo e à violência de gênero. Os meninos não devem ser estimulados precocemente ao sexo, ou ter contato com pornografia para serem reconhecidos como homens.

Quanto aos meninos, a severidade dessa masculinidade hegemônica inicia quando se transmite a ideia de que precisam ser fortes e são estimulados a serem agressivos. Os meninos precisam aprender a não associar agressividade à interação com o outro, sem conduzir e encarar as relações através de disputas e competitividades.

É importante que saibam se expressar de outras maneiras que não seja através de socos e chutes e que

chorar é sim um sentimento masculino. Discursos, falas, conceitos, práticas e mentalidades que são construídas num determinado contexto histórico, impostos socialmente e que precisam ser contestados.

[...] a necessidade de perceber os mitos e tabus (principalmente os sexuais), como construções/invenções humanas, frutos do desenvolvimento e da interação sociocultural, torna-se fundamental ao trabalho de educadoras e educadores sexuais (FURLANI, 2009, p. 15).

Os equívocos e as distorções, muitas vezes propositalmente, cometidos sobre as discussões de gênero, vão no caminho oposto do propósito de uma educação em sexualidade que proporciona clarificações, debates e diálogos sobre as verdades balizadoras da sexualidade humana (FURLANI, 2009). O conhecimento permite desnudar esses equívocos e desonestidades intelectuais em que as masculinidades hegemônicas se alicerçaram.

Considerações finais

Igualmente importante, é refletir e discutir sobre as feminilidades, interseccionalidades e conquistas sociais dos movimentos de emancipação e autonomia, é debater e problematizar sobre a formação das masculinidades e o efeito destes questionamentos sobre o que é ser homem no contexto contemporâneo.

A intenção deste breve estudo foi evidenciar não somente a construção de vir a ser homem diante de aspectos socioculturais, mas principalmente, o efeito destrutivo e conflituoso ao indivíduo e à sociedade da influência negativa de normas que reforçam desigualdades, invisibilidades e violência.

Uma educação pautada em conceitos distorcidos e empobrecidos alicerça toda uma relação hegemônica e de dominação masculina que, embora resista historicamente, dão sinais evidentes de enfraquecimento. A sociedade se reorganiza e reconhece estas marcas socioculturais. São estas marcas que passam a ser questionadas e combatidas.

Uma masculinidade hegemônica que tem deixado rastros, homens adoecidos, confusos quanto a características com as quais não se identifica mais. Aquele amargor e rigidez de uma masculinidade endurecida e que nega o afeto. Homens que deprimem pela incongruência das informações e conceitos que receberam desde a infância e que hoje descobrem que não são verdades absolutas. Hegemonia tão enraizada e tão profunda que cobra um preço muito alto a este processo de ser homem, e é uma das causas do aumento do suicídio entre os homens.

¹⁹ Lei Maria da Penha (Lei 11.340/06) e a Lei do Feminicídio (Lei 13.104/15)

²⁰ Lei 13.431/17.

Os modelos e as normas postos como bases para estas construções são um espelho despedaçado, que reflete uma imagem fragmentada e desnuda uma verdade, a falta de bases seguras nos discursos patriarcais e mentalidades machistas.

O machismo é o cenário da negação do feminino e lugar ocupado pela misoginia, homofobia, transfobia, preconceito, agressão e medo do outro. Lugar do abusivo, do invasivo, do ódio e também do medo. Machismo que é lugar de violência e produz um estado emocional no homem, o medo. Medo de ter que se reinventar, se resignificar. Adotar uma postura mais humana, aberta, sensível e amorosa. Esta, talvez seja, a proposta para uma nova concepção de hegemonia. Proporcionar o debate sobre equidades e diluir as hierarquizações de gênero.

Este é o lugar ao qual o sistema hegemônico e patriarcal posiciona os homens. Um lugar de aparente privilégio, mas que, silencia a sua autonomia e cobra dele um preço muito alto, tornando-o refém, escravizado, negligenciado e sufocado.

É esta a atmosfera na qual as masculinidades estão envoltas e que precisa ser rompida. O que fazer com todo o questionamento sobre estas opressões sofridas? Num primeiro momento, destonar-se deste lugar de controle social. Admitir sua inquietude e vulnerabilidade e buscar meios para reconstruir esta identidade desestruturada.

Tornar consciente a angústia masculina em cumprir com estas exigências sociais é um passo importante para se tornar um homem melhor. É preciso admitir que precisamos do outro, homens e mulheres, para sermos homens melhores. Este convívio e troca permite novas vivências, outras leituras de si, sentimento de apoio e preenchimento, assim como a possibilidade de buscar ajuda. São estas relações de ajuda que estabelecem melhor percepção das práticas machistas que homens possuem.

Homens precisam se transformar e causar transformação em meio a outros homens, por meio de um diálogo mais sincero e transparente sobre os papéis sociais que não desejam mais desempenhar ou até mesmo repreendendo atitudes machistas, falas misóginas e posicionamentos violentos e sexistas.

Com o auxílio do outro, recuperar um corpo rígido e emoções endurecidas, rever conceitos sobre paternidade, reaver as relações com as feminilidades e refazer suas referências do que é ser homem, que é muito diferente das que o patriarcado impõe. A principal conquista não se pauta mais na competição, mas no benefício da dúvida sobre como ser outro homem.

O importante é que esta busca de ressignificações das masculinidades não reforce a disputa de quem sofre mais, o homem ou a mulher. Não é isso que se propõe neste estudo, afinal, uma categoria identitária não exclui a outra. Conflitos são conflitos e precisam ser elaborados

para planos de ações positivos. O conceito de masculinidade hegemônica ajuda a compreender os riscos e revela situações conflitantes aos quais os homens estão submetidos.

A sociedade precisa, assim como já acontece com os feminismos, promover encontros, seminários, palestras e organizações sociais que tenham como tema as masculinidades e a necessidade de desconstruir os conceitos e normatizações que engessam muitos homens. A sociedade chega num momento histórico em que os diálogos e os lugares de fala são emergentes e providenciais, mostrando-se imprescindíveis para a promoção das transformações sociais.

É muito importante que as masculinidades sejam, também, contempladas com o debate social e um novo manejo e olhar para este outro homem que se apresenta. Homem que não tolera a violência e a desigualdade contra as mulheres, que reconhece que seus privilégios são de fato, a possibilidade de aprender e resignificar conhecendo as outras realidades de masculinidades, que não devem ser entendidas como subalternas, homens gays, homens trans, negros, indígenas, homens com deficiência entre outras situações e que possuem seus lugares de fala. A hegemonia não deve ser mais a tônica das construções das masculinidades, mas sim, as narrativas subjetivas que devem prevalecer, ou seja, sujeitos que refazem seus discursos e repensam posicionamentos.

Referências

ADAID, Felipe. *Discutindo sobre a efeminofobia*. p. 1-3. Disponível em: < <https://jus.com.br/artigos/61443/discutindo-sobre-a-efeminofobia/1>.> Acesso em: 04 maio 2018.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.

ALTHUSSER, Louis. *Sobre a reprodução*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999.

AMARAL, Márcia Franz. Lugares de fala: um conceito para abordar o segmento popular da grande imprensa. *Contracampo*, n. 12, p. 103-114, jan./jul. 2005.

BAUDRILLARD, Jean. *A transparência do mal: ensaio sobre os fenômenos extremos*. trad. Estela dos Santos Abreu. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 1992.

BORIS, Georges. Os rituais da construção da subjetividade masculina. Ser macho ou ser homem? Uma história de dor, violência, paixão

e regozijo. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL, GÊNERO E MOVIMENTOS SOCIAIS: IDENTIDADE, DIFERENÇA E MEDIAÇÕES, 2., 2003. Florianópolis. 2003.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. trad. Maria Helena Kuhner. 3. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.

BRANCO, Viviane Manso Castello. In: INSTITUTO PROMUNDO. *Situação da paternidade no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Promundo, 2016. Disponível em: < http://sowf.men-care.org/wp-content/uploads/sites/4/2017/01/relatorio_paternidade_03b_baixa.pdf>. Acesso em: 11 set. 2017.

BRASIL. Departamento de Informática do SUS. Saúde Pública em Alerta: *No Brasil, mortes por depressão crescem mais de 700% em 16 anos mostram dados do DATASUS*. 20 ago. 2012. Disponível em: < <http://datasus.saude.gov.br/noticias/atualizacoes/512-saude-publica-em-alerta-no-brasil-mortes-por-depressao-crescem-mais-de-700-em-16-anos-mostram-dados-do-datasus>>

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CARIDADE, Maria do Amparo Rocha; RAPOSO, Helena Maria Diu Gonçalves; LOPES, Ana Patrícia Loureiro Freire. Machos ou masculinos? Um estudo sobre construções de masculinidades e produção de condutas violentas. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 16, n. 1, p. 113-122, jan./ jun. 2005.

CECENÁ, Ana Esther (Org.). *Hegemonias e emancipações no século XXI*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales, 2005.

CHAUÍ, Marilena de Souza. *Convite à filosofia*. 12. ed. São Paulo: Ed. Ática, 1999.

COLLING, Leandro. O que perdemos com os preconceitos? *Revista Cult*, São Paulo, ano 18, n. 202, p. 22-25, jun. 2015.

COLLING, Leandro; NOGUEIRA, Gilmaro. (Org.). *Crônicas do CUS: cultura, sexo e gênero*. Salvador: Devires, 2017.

CONFORT, Maria. *Você sabe o que é masculinidade tóxica?* [2018]. Disponível em: < <https://manualdohomemmoderno.com.br/video/comportamento/voce-sabe-o-que-e-masculinidade-toxica>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

CONNELL, Raewyn. *Gênero em termos reais*. Trad. Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2016.

CONNELL, Robert William. Políticas da Masculinidade. *Revista Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 185-206, jul/dez. 1995.

CONNELL, Robert William; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidades hegemônica: repensando o conceito. *Gender & Society*, v. 19, n. 6, p. 829-859, dez. 2005.

CORNEAU, Guy. *Pai ausente filho carente*. Trad. L. Jahn. São Paulo: Brasiliense, 1991.

COSTA, Suely Gomes. Movimentos feministas, feminismos. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, p. 23-36, set./dez. 2004.

DATASUS (Departamento de Informática do SUS). *Saúde pública em alerta: no Brasil, mortes por depressão crescem mais de 700% em 16 anos mostram dados do DATASUS*. 2012. Disponível em: < <http://datasus.saude.gov.br/nucleos-regionais/minas-gerais/noticias-minas-gerais/513-saude-publica-em-alerta-no-brasil-mortes-por-depressao-crescem-mais-de-700-em-16-anos-mostram-dados-do-datasus>>. Acesso em: 19 fev. 2018.

DERRIDA, Jacques. *Posições*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DUQUE-ESTRADA, Paulo Cesar (Org.). *Desconstrução e ética: ecos de Jacques Derrida*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramalheite. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização, introdução e revisão téc. Roberto Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FURLANI, Jimena. *Mitos e tabus da sexualidade humana*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

- GARCIA, Carla Cristina. *Breve história do feminismo*. São Paulo: Claridade, 2015.
- GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- GARCIA, Carla Cristina. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 5.
- IBGE. *Em 2016, expectativa de vida era de 75,8 anos*. 2017. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2013-agencia-de-noticias/releases/18470-em-2016-expectativa-de-vida-era-de-75-8-anos.html>>. Acesso em: 19 fev. 2018.
- KARNAL, Leandro. *Todos contra todos: o ódio nosso de cada dia*. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.
- KESSLER, Suzanne. et al. *Ockers and Disco-maniacs*. Sydney, Australia: Inner City Education Center, 1982.
- KRISTEVA, Julia. *As histórias de amor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- LINS, Regina Navarro. *A cama na varanda: arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo: novas tendências*. Rio de Janeiro: BestSeller, 2007.
- LOURO, Guacira Lopes (Org.). et. al. *O corpo educado, pedagogias da sexualidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica: Universidade Federal de Ouro Preto, 2015.
- NOGUEIRA, Conceição. *Interseccionalidade e psicologia feminista*. Salvador: Ed. Devires, 2017.
- NUMBER of suicides in UK increases, with male rate highest since 2001. *The Guardian*, London, 19 Feb. 2015. Society. Available on: <<https://www.theguardian.com/society/2015/feb/19/number-of-suicides-uk-increases-2013-male-rate-highest-2001>>
- OLIVEIRA, João Manuel de. *Desobediências de gênero*. Salvador, Devires, 2017.
- PISCITELLI, Adriana G. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, v. 11, n. 2, p. 263-74, jul./dez. 2008.
- PRECIADO, Beatriz. *Manifesto contrassexual*. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.
- RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.
- RICH, Adrienne. Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence. In: GELP, Barbara C.; GELP, Albert (Ed.). *Adrienne Rich's Poetry and Prose*. New York: W.W. Norton & Company, 1993. p. 18-43.
- SÁEZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. *Pelo cu, políticas anais*. Trad. Rafael Leopoldo. Belo Horizonte: Letramento, 2016.
- SILVA, Ana Nunes da. et al. Quando o cliente pensa que não sente e sente o que não pensa: Alexitimia e psicoterapia. *Análise Psicológica*. v. 31. n. 2. Lisboa, jun. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312013000200007>. Acesso em: 19 fev. 2018.
- SINAY, Sergio. *La masculinidad tóxica, un paradigma que enferma a la Sociedad y amenaza a las personas*. Argentina: Ediciones B, 2016.
- THE GUARDIAN. *Number of suicides in UK increases, with male rate highest since 2001*. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/society/2015/feb/19/number-of-suicides-uk-increases-2013-male-rate-highest-2001>> Acesso em: 19 Feb. 2018.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra R. Goulart Almeida; Marcos Feitosa; André Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. Trad. João Dell' Anna. 20. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- WASELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da violência 2014: os jovens do Brasil*. Rio de Janeiro: Flacso

Brasil, 2014. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil_Preliminar.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2018.

WELZER-LANG, Daniel. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In: SCHPUN, Monica Raisa. (Org.) *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo Editorial; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004.